

Sonhos interrompidos

OU
TRO

Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

GISELA BACELAR
BRUNA CEOTTO



Sonhos interrompidos



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Gisela Bacelar, 2020
Copyright © Bruna Ceotto, 2020
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020
Todos os direitos reservados.

Preparação: Departamento editorial da Editora Planeta
Revisão: Fernanda França
Diagramação: Márcia Matos
Capa e ilustração: Filipa Damião Pinto | Foresti Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Bacelar, Gisela
Sonhos interrompidos / Gisela Bacelar, Bruna Ceotto.
– São Paulo: Planeta, 2020.

ISBN 978-65-5535-093-7 (e-book)

1. Ficção brasileira I. Título II. Ceotto, Bruna

20-2142

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira

2020

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

MIGUEL

— Olá. Seja bem-vindo. Por favor, note que tem dois riscos no chão indicando onde você deve se posicionar. E olhe direto para a câmera e não para mim. Isso. Perfeito. Vamos começar. Meu nome é Lígia, a propósito. — A mulher, de aparentemente trinta e poucos anos, cabelos castanhos, pele branca e que usava óculos de grau, parecia impaciente. Proferia aquelas palavras roboticamente, como se as tivesse decorado. Ela mal olhou para o rapaz à sua frente, apenas apontou para onde ele devia ir, folheando papéis que estavam presos a uma prancheta, com fichas de identificação e fotografias.

Pudera, a julgar pela quantidade de pessoas que ela precisava entrevistar. Poucas vagas de trabalho e centenas de pessoas buscando uma oportunidade. Miguel era o número cento e vinte e dois. Era o que dizia na ficha dele, também era o número de identificação que estava colado em sua camiseta. Desde as quatro horas da manhã de pé, para pegar o ônibus e depois o metrô lotado às cinco e meia, e chegar para o teste às sete horas e ter a sua oportunidade agora à uma e quinze da tarde. Tudo isso para ser atendido por uma moça que estava visivelmente impaciente e cansada por ter entrevistado exatas cento e vinte e uma pessoas antes de Miguel.

Era assim que funcionava, ele sabia, mas isso não servia de consolo.

— Seu nome? — a voz robótica da mulher questionou, ainda sem erguer os olhos.

— Miguel.

— Sobrenome?

— Martins. Miguel Carvalho Martins.

— Nome artístico?

— Miguel Martins.

— Idade?

— Dezoito.

— Completou quando?

— O quê? — Miguel agitou brevemente a cabeça, sem compreender.

— Os dezoito anos... quando você completou?

— Hoje. — Miguel respondeu com um sorriso aberto se formando em seus lábios grossos, sem perceber que talvez só devesse sorrir se lhe fosse solicitado. Os dentes perfeitamente brancos criavam um contraste com sua pele negra, e o garoto tinha aquele tipo de sorriso que faz as outras pessoas sorrirem de volta.

— Hoje? — Ela ergueu os olhos na direção dele. Foi a primeira vez que o encarou desde que Miguel atravessou a porta do estúdio de gravações. Ele estava parado de pé a poucos metros de distância de onde ela ocupava uma cadeira de aspecto desconfortável atrás de uma mesa nitidamente improvisada.

Em cima da mesa havia uma pilha quilométrica de fichas iguais à que a moça segurava em mãos. Uma câmera mirava na direção de Miguel, gravando toda a entrevista, além de um anel iluminado tão brilhante que doía os olhos.

O fundo inteiramente branco do estúdio de gravação causava um certo nervosismo em Miguel. Embora tivesse estudado artes cênicas por anos, se formado e conseguido seu registro como ator profissional, ele nunca havia estado dentro de uma emissora de televisão. Sua escola de teatro era focada em peças teatrais e outras modalidades de atuação perante o público, não havia muitos equipamentos de filmagem disponíveis para atender ao contingente de alunos. Talvez ele tivesse aprendido mais sobre televisão e cinema se tivesse frequentado uma escola de mensalidade mais cara, mas Miguel não conseguiu nenhuma bolsa de estudos quando se candidatou a uma vaga nessas escolas, e pagar uma mensalidade cujo valor era maior do que o que ele ganhava no mês servindo mesas em um restaurante da zona sul da cidade estava fora de cogitação.

Sonhos custam caro. Para uns mais do que para outros, e nesse caso Miguel estava enquadrado entre os “uns”.

Depois de formado, os testes para papéis não vieram como o esperado, mesmo aqueles papéis insignificantes com uma fala ou duas. Fazia meses que Miguel esperava por uma oportunidade como aquela, e o simples fato de estar parado em uma marcação na frente da câmera, sendo observado atentamente por aquela mulher por trás de seus óculos gateados já dava a ele vontade de sorrir de novo.

— Sim. Hoje. — Ele assentiu, sem conseguir conter o sorriso na direção dela.

— Hã... meus parabéns, então — a moça disse sem muita comoção, voltando seu olhar para a ficha de Miguel em suas mãos. — Você pode olhar para a câmera enquanto responde às minhas perguntas, por favor? Senão não consigo ter uma noção de como você fica na tela.

— Sim, desculpe. — Miguel endireitou o corpo, em uma tentativa frustrada de tentar relaxar os ombros tensionados, e mirou seus olhos castanhos escuros para a câmera.

— Aqui não diz muito sobre você... — Ela folheava alguns papéis e erguia a fotografia de Miguel à altura dos olhos, comparando a imagem com o que via à sua frente, e depois com o que o monitor da câmera revelava. — Você já teve alguma experiência na televisão?

— Não.

— Nenhum comercial? — Embora ela não o encarasse, ele pôde julgar pelo tom austero em sua voz que suas respostas não a agradaram nem um pouco.

— Não...

— Hum. Geralmente atores iniciam a carreira com comerciais para a televisão, para adquirir alguma experiência e se adaptar às câmeras. Aprender a receber direções...

— Eu não tive a oportunidade.

— Oportunidade não é algo que se espera cair no colo. É algo que se cria — ela disse, impassível. — Trouxe algum monólogo?

— Sim. — Ele exalou, aliviado por poder dar à mulher alguma resposta que não fosse negativa.

— Você tem cinco minutos. Esteja pronto. — Ela tirou os óculos de grau para poder esfregar os olhos exaustos após tantas entrevistas similares àquela e alinhou os papéis meticulosamente sobre a prancheta. A mulher enfim encarou o rapaz negro à sua frente. A expressão em seu rosto era indecifrável e intimidadora ao mesmo tempo.

Miguel deu as costas à câmera e a todos os presentes no estúdio, fechou os olhos e buscou ares no fundo dos seus pulmões. Permitiu-se poucos segundos encarando a parede para lembrar a si mesmo que oportunidades como aquela não apareciam todos os dias — ou “não se criavam” todos os dias, como diria a tal Ligia — e que ele não podia se permitir estragar essa. Sentia o suor da ansiedade e do nervosismo brotar nas palmas de suas mãos. Ele as apertou uma contra a outra e se virou, começando a falar para a câmera:

“Sim, porque, geralmente, antes do principal, sempre há uma conversinha, um namoro, um romance... E, com a Zulmira, não houve nada disso... Ah, eu me lembro como se fosse hoje...”

Ele dava vida às palavras de Nelson Rodrigues. Era o seu melhor monólogo.

LARISSA

No auge de seus vinte e dois anos de idade, não tinha nada mais humilhante para uma garota do que descobrir que foi chifrada através de uma mensagem piedosa do pivô da traição no Instagram, pensou Larissa em meio a uma crise de autocomiseração, olhando para os próprios sapatos coloridos, contrastando com a calçada cinzenta de frente ao prédio em que morava.

Na verdade, ela se corrigiu mentalmente, havia uma situação pior: ter que sorrir para gravar um comercial de um daqueles cremes dentais pretos, que supostamente deixam os dentes mais brancos, enquanto seu coração afundava dentro de sua caixa torácica ao repassar mentalmente as palavras da tal garota quando, em prol da sororidade, ela veio lhe contar tudo: “Eu não sabia que ele tinha namorada, Alissa. Achei que tinham terminado. Desculpe-me por ter ficado com seu namorado”.

Muita gente sabia que Vinícius tinha namorada. Era praticamente impossível não saber. Larissa, ou melhor, Alissa, seu nome artístico, era uma das youtubers de moda e maquiagem mais conhecidas na atualidade. Ela era a razão pela qual muita gente conhecia e começou a seguir o *lifestyle* do cara (termo que ele usava em excesso para descrever o fato de que não fazia praticamente nada), seu até então namorado que virou ex da noite para o dia. Se ele tinha muitos seguidores agora era porque ela sempre estava com ele em seus *stories* e em todas as outras redes sociais.

A própria Larissa vinha postando em seu perfil profissional como Alissa fotos e mais fotos retratando o relacionamento perfeito dos dois. A última foto postada, inclusive, trazia um anúncio empolgante a seus seguidores: Alissa e Vinícius (o nome nada artístico do moleque que ela tinha conhecido em uma festa exclusiva para influenciadores feita por uma marca de gim) tinham decidido dar o próximo passo, assumindo o compromisso sério de juntar as escovas de dentes. Para quem não entendeu, morariam juntos dali em diante.

Essa publicação já tinha alguns dias e muitas curtidas, e as coisas estavam se encaminhando como planejado. Metade dos pertences pessoais de Vinícius estavam no apartamento de Larissa. Por ela ter seu canto próprio desde que conseguiu juntar dinheiro graças ao seu trabalho, foi decidido que o garoto se mudaria para o luxuoso apartamento dela na zona sul da cidade, onde eles viveriam felizes para sempre.

Mas o “para sempre” sempre corre o risco de acabar (como o faz na maioria das vezes). *A vida não é uma porcaria de conto de fadas. Lide com isso, Larissa.*

Larissa sacudiu a cabeça, querendo afastar aqueles pensamentos autodestrutivos, as ondas platinadas apontando para todos os lados. Não queria pensar em Vinícius àquela hora da manhã. Primeiro, porque sua cabeça já estava latejando por conta da garrafa de vinho rosé que ela tinha secado sozinha enquanto conversava na noite anterior com a suposta amante de seu namorado, extraindo todos os detalhes da traição para poder confrontar Vinícius depois. E, segundo, porque ela precisava se concentrar no comercial que Maura, sua agente, tinha ralado tanto para conseguir para ela.

“Muitos youtubers fazem publi, Larissa”, ela se lembrava do tom de voz animado de sua agente quando lhe contou as boas novas. “Mas poucos são convidados para serem embaixadores de uma marca. É um grande passo na sua carreira! Você está em outro nível de influenciadores agora, garota!”

Larissa concordou em fazer a campanha, é claro. Muito raramente dizia “não” a Maura, e não apenas porque ela era uma agente talentosa que tinha transformado Larissa de garotinha sem nenhuma estrutura e obcecada por si própria que “faz uns vídeos aí” na estrela do maior canal de dicas de moda e beleza para mulheres que o YouTube já tinha visto.

Maura era como uma mãe para ela. Cuidava muito bem de Larissa, sempre se lembrando de encher a despensa dela com comida de verdade (“não com essas porcarias cheias de sódio e conservantes de que você tanto gosta, meu bem!”), e dando colo para ela chorar quando um eventual cancelamento por conta de alguma fala impensada da influenciadora ocorria.

Maura se importava. Ouvia os problemas da jovem. Queria o melhor para a maior estrela de sua agência e – por que não? – para sua amiga. A única coisa que tirava Maura do sério era o fato de que Larissa exagerava na bebida, e geralmente em momentos inoportunos. Maura dizia a ela que os eventos aos quais Alissa tinha que comparecer eram trabalho, não entretenimento. “Diversão você tem em uma noite com seus amigos, não em um ambiente rodeado de falsos elogios e pessoas prontas para te apunhalar assim que der as costas a elas” era uma frase que Alissa já tinha ouvido tantas vezes que devia tê-la decorado a esse ponto. E a agente estava certa. Nesses eventos os holofotes estão em cima dos artistas, prontos para captarem qualquer falha ou má conduta que venham a ter.

Larissa aprendeu essas regrinhas a duras penas. Errou muito em seu início de carreira, quando começou a ganhar espaço na vasta internet. Não sabia como se portar perante o público que, ao mesmo tempo em que dizia amá-la, estava pronto para fazer um espetáculo de seus equívocos.

A garota falava mais do que devia. Era espalhafatosa demais. Bebia além do limite. Acabava flertando com algum influenciador que não tinha a fama tão boa assim e indo parar em incontáveis canais de fofoca. Isso sem mencionar que, graças a qualquer que seja o santo que protege as mulheres cafonas, Maura apareceu em sua vida para ensinar-lhe a se vestir com classe e estilo. Larissa podia ser a própria cafonice em pessoa se não fosse mantida sob cuidadosa observação.

Era uma incógnita como Larissa havia se tornado a impecável Alissa, guru da moda e do bom gosto, conseguindo cativar e conquistar uma legião de milhões de seguidoras que são apaixonadas por seus vídeos e por seu estilo. Quando Maura a conheceu, Larissa tinha dezenove anos, morava em

uma quitinete apertada no centro da cidade e seu material de trabalho era um celular ultrapassado com uma câmera de qualidade questionável, um computador que vivia travando e uma cadeira e mesa compradas em uma loja de móveis usados. Mesmo assim, ela cativava bem mais o público do que outras youtubers que tinham um estúdio pronto dentro da própria casa, com equipamentos de tecnologia de ponta para as gravações.

Talvez fosse a história de vida de Larissa. Uma menina com uma beleza incomum e chamativa, crescida em uma pequena cidadezinha no interior do estado, órfã de pai e mãe, criada na casa de uma tia soberba que a tratava com despeito (e que hoje tenta processar a figura pública de Alissa na intenção de lhe arrancar dinheiro) e com pouquíssimos amigos em sua trajetória.

Larissa tinha tanta ambição de mudar de vida que não criou vínculos emocionais com as pessoas que cruzaram seu caminho. Era o seu mecanismo de defesa para que nada tirasse o foco de seus objetivos, para que nenhum apego a ninguém a fizesse voltar atrás em seus planos. A vida sempre foi rígida com ela. Talvez ela apenas tenha aprendido a ser rígida de volta.

Conhecer Maura foi o ponto de virada de que Larissa precisava. Era a pessoa de suma importância que faltava na trajetória dela.

Era por esses motivos que ouvia tudo que Maura dizia e seguia seus conselhos com devoção quase religiosa. Maura era do tipo que sabia o que ia acontecer antes mesmo que acontecesse e que dava jeito em tudo. Quase sempre estava certa. E era a dona dos melhores conselhos.

Maura era o equilíbrio que faltava na vida da sonhadora Larissa. E talvez Larissa fosse o brilho que faltava na vida pragmática de Maura.

Juntas eram implacáveis em seu ambiente de trabalho. Não dava para negar.

Larissa continuava parada na calçada, com a cara cheia de maquiagem às onze horas da manhã, esperando que Maura a buscasse para levá-la até as gravações do tal comercial. Mesmo que o comercial fosse de um produto do qual ela nunca precisaria, pois tinha um acordo de permuta com um dentista e se fizesse mais uma sessão de clareamento as pessoas provavelmente precisariam de óculos escuros para olhar para ela quando sorrisse.

Falando em precisar de óculos escuros, a luz do sol estava castigando os olhos esverdeados de Larissa. Maldita enxaqueca – era o nome que sua agente a tinha ensinado a usar quando precisava disfarçar sua ressaca para os contratantes das marcas com que trabalhava.

Ela tirou os óculos que trazia consigo da gola da regata *cropped* que vestia e colocou no rosto. Então Larissa praguejou em voz alta, furiosa com as Kardashians por terem trazido óculos tão minúsculos à moda.

— Que linguajar, meu bem.

Maura se materializou às costas de Larissa, e ela quase xingou de novo. Só não o fez porque seus olhos foram diretamente atraídos para os dois copos de café que a agente trazia, e ela já podia sentir o aroma delicioso de canela que um deles exalava.

— Você é um anjo, Maura!

— Está pronta?

— Há muito tempo.

— Ótimo.

MIGUEL

Quando terminou o monólogo inspirado em um conto de Nelson Rodrigues, Miguel continuou exatamente onde estava, quase paralisado pela ansiedade que o dominava. Era raro que não se sentisse confiante a respeito de suas habilidades artísticas mas, com todo aquele contexto, tudo era tão imprevisível que era improvável sentir que tinha feito um bom trabalho.

Ele desviou os olhos da câmera e os lançou na direção da mulher que o avaliava. Seu rosto apático e sem expressão encarava a ficha de Miguel em suas mãos, e ela mordida a bochecha enquanto batia a caneta continuamente na prancheta. Era impossível decifrar o que ela pensava a respeito da apresentação dele.

As mãos de Miguel suavam mais e mais, seus dedos deslizavam contra sua palma úmida. Se tivesse unhas grandes, provavelmente já teria dilacerado a superfície das mãos, tamanha era a pressão com que segurava os punhos.

De repente, a mulher levantou o rosto e fitou o rapaz. O movimento foi tão brusco que o coração de Miguel se revirou dentro do peito.

— Muito obrigada por ter vindo. — Ela não sorria ou dava qualquer sinal de encorajamento. — Vamos analisar o seu perfil e te retornamos caso seja aprovado. A saída fica à sua esquerda. É só deixar o crachá na portaria. Obrigada.

Miguel demorou alguns segundos para assimilar que havia sido dispensado e que podia ir embora. Ele ansiava por mais. Queria que Ligia ansiasse por mais também, e, quem sabe, pedisse para ver outro texto. Ele queria provar que era capaz.

Talvez ela não tenha gostado dele. Talvez o fato de ele não ter experiência o tivesse prejudicado, e para aquela vaga específica eles quisessem

alguém mais confortável na frente das câmeras. Ou talvez seus gestos, seus trejeitos, sua voz tenham saído sem naturalidade durante a apresentação do monólogo.

Eram incontáveis as possibilidades. Não dava para saber.

Miguel agradeceu com um breve aceno de cabeça. Sua garganta estava seca e as palavras se recusavam a sair, nem para cumprir os requisitos básicos da educação. “Obrigado e tenha um bom dia”, ele tentou falar pelos corretores, porta afora. Nem assim as palavras saíam.

Então, ele tomou seu rumo. Antes de sair, ele perguntou a uma senhora de uniforme branco que faxinava o local onde ficava o banheiro masculino e se ele podia usá-lo. A senhora foi amável – talvez a primeira e única demonstração de humanidade que ele tinha recebido desde que saiu de casa de madrugada – e lhe explicou qual direção seguir para chegar aos banheiros que ficavam a poucos metros de distância de onde ele tinha gravado o monólogo.

Atravessando dessa vez por trás dos galpões em que a equipe estava promovendo os testes para o papel, Miguel reparou que outro rapaz já tinha entrado para sua entrevista e respondia às mesmas perguntas que tinham feito para ele anteriormente. Ele encarou o teto vazado e não podia deixar de sentir que estava invadindo a privacidade de alguém. Concluiu que, como o outro candidato não sabia que estava sendo monitorado pela concorrência, isso provavelmente não o prejudicaria.

Não que o outro garoto precisasse de qualquer cortesia por parte de Miguel quando o assunto era não ser prejudicado pela concorrência. Miguel não conseguiu deixar de reparar que Ligia, a entrevistadora, parecia muito mais entusiasmada a respeito desse candidato. Era difícil acreditar que era a mesma pessoa apática que o tinha entrevistado, enchendo aquele sei-lá-que-m de elogios e perguntas.

Miguel observou por um tempo, diminuindo a velocidade de seus passos que seguiam rumo ao banheiro.

A voz da mulher atrás da mesa com as fichas dos candidatos interrompeu o questionário para o candidato e chamou autoritariamente para que uma determinada pessoa, a quem Miguel não foi apresentado, viesse até ela. Ele se sentia culpado por estar ouvindo, mas seus pés estavam cravados no chão. Não conseguiria simplesmente ir até o banheiro e fingir que nada estava acontecendo na sala ao lado.

— Carlos, por favor, pode jogar essas fichas fora? — Miguel ouviu o ruído característico de um maço de papéis sendo descartado sem a menor cerimônia com um baque surdo. — Preciso diminuir o volume na mesa. Estou ficando irritada com tanta desordem. Não consigo me *concentrar*.

— Claro, dona Ligia — uma voz jovem respondeu. Provavelmente um assistente ou estagiário. — Precisa de mais alguma coisa?

— Preciso não ser chamada de “dona”. — Miguel quase conseguiu vê-la esfregando os olhos e pressionando as têmporas, de cansaço e impaciência. — Por enquanto é só, obrigada. — Alguns passos indicavam que o tal Carlos estava se afastando, mas poucos “tocs” no chão de sinteco depois, e Ligia o chamou de volta. — Espere. Volte aqui. Pode levar essas duas aqui também, não vou precisar delas. É daquele último que entrevistei.

Miguel sentiu uma pontada na costela, como se tivesse sido abatido por algum objeto cortante. Ele levou a mão instintivamente até a lateral do corpo, os olhos estavam arregalados. O tal último que ela tinha entrevistado – o “aquele” a quem Ligia se referia com tanta indiferença, como se estivesse devolvendo um par de sapatos particularmente desconfortável a uma vendedora de loja – *era Miguel*. E ele estava sendo descartado, devolvido para a pilha de garotos sem oportunidade da qual só tinha saído naquela manhã.

— Não gostou dele? — o assistente questionou-a, vacilante. — Ele me pareceu tão simpático. Todo sorridente e tal.

— Pessoas simpáticas não ganham papéis principais, Carlos! — O revirar de olhos da mulher era quase audível. — Pessoas de boa postura e boa aparência ganham papéis principais. Meu *casting* para personagens secundários está lotado. E nenhum dos papéis disponíveis se enquadra no... *perfil* dele. Presta atenção, Carlos. Um dia será você sentado aqui no meu lugar avaliando todas essas pessoas. Pelo perfil, não pela simpatia.

Miguel se arrependeu de ter ficado para ouvir mais do que gostaria. Mesmo que se julgasse acostumado a esse tipo de comentário, nenhum ser humano deveria se acostumar àquilo.

Miguel deu a volta e se postou no corredor, dando uma boa olhada no candidato que veio depois dele.

Miguel entendeu: ele entrou naquele estúdio sendo rejeitado antes mesmo de se apresentar.

Ele nunca teve uma chance.

LARISSA

Ocupando o banco do passageiro enquanto Maura dirigia a caminho do estúdio onde seriam feitas as gravações, Larissa matutava sobre a traição. O que teria levado seu namorado (*ex-namorado*, ela se esforçava para corrigir mentalmente) a decepcioná-la desse jeito? Ele saberia o que uma traição